

*Gabriel García Márquez, uma
Leitura do Caribe*

*Gabriel García Márquez, a
Reading about the Caribbean*

Sara **ALMARZA**

Professora Titular do
Departamento de Teoria
Literária e Literaturas,
Instituto de Letras,
Universidade de Brasília
(UnB), Brasília DF.

salmarza@unb.br

Resumo

Uma leitura dos espaços textuais construídos por García Márquez polarizando o Caribe e a região andina da Colômbia, apontando assim seu lugar no mundo, sua identidade.

Palavras-chave: García Márquez, Caribe, identidade.

Abstract

Reading of the textual spaces built by García Márquez opposing the Caribbean to the Andean Region of Colombia, expressing this way his place in the world, his identity.

Keywords: García Márquez, Caribbean, identity.

As letras perderam em 2014 vários escritores latino-americanos, entre eles Gabriel García Márquez. Quando se deu a notícia do falecimento do autor colombiano, seus leitores devem ter recordado o dia da morte de José Arcadio Buendía, o fundador de Macondo, quando minúsculas flores amarelas caíram por toda a noite numa “tempestade silenciosa” que atapetaram as ruas por onde passou o enterro. Como não lembrar também o sofrimento do escritor quando devia matar ao coronel Aureliano, pois estava velho, encerrado no quartinho de Melquíades lapidando seus peixinhos de ouro; mas o escritor adiava sua morte... não se atrevia. Acontecido o homicídio literário, vai ao encontro de Mercedes, sua esposa, e chora, chora “durantes duas horas”¹. Naquele abril, lembrei-me desses episódios; o tema da morte é uma presença constante na obra especialmente nas aberturas dos espaços narrativos².

É interessante o que acontece quando um escritor prêmio Nobel morre: suas obras voltam a ser publicadas, lidas e estudadas. Começamos releituras ainda mais prazerosas com a perspectiva que dá o tempo. Sem dúvida a nova aproximação da sua obra suaviza a ausência porquanto nos encontramos, mais uma vez, com García Márquez de *carne e osso* já que em seus romances, como ele disse inúmeras vezes, não há nada que não tenha como fonte a experiência de sua vida.

1 | *El olor de la guayaba*, p. 34.

2 | *O enterro do diabo*; “Os funerais da Mamãe Grande”; *O outono do Patriarca*; *Crônica de uma morte anunciada* e *Amor nos tempos do cólera*.

Nesta releitura queria aprofundar sobre um assunto que sempre chamou minha atenção, a forte identidade com sua região natal, o Caribe. O emprego, no domínio crítico, do conceito de identidade recai por vezes em um abuso complacente, e as explicações teóricas abundam. No entanto é necessário mencionar somente uma premissa básica, da qual fundamento minha reflexão: o homem não nasce membro de um corpo social, mas vai-se tornando aos poucos, uma vez que a identidade vem a ser ao mesmo tempo individual e um constructo social³. Enquanto o indivíduo absorve seu redor com a socialização primária, ocorre simultaneamente uma identificação com o espaço e com o ambiente. É esse o momento que me interessa destacar nos escritos do autor. A teoria sistêmica entende que o indivíduo é um ente relacional que vai-se delineando na medida em que se vincula ao meio, isto é, com o espaço e com os seres que o conformam. Neste ponto, acompanho de perto as reflexões de Humberto Maturana em relação à experiência de cada pessoa. O neurobiólogo chileno percebe a condição humana como a maneira que temos de nos relacionar tanto com os outros quanto com o lugar em que vivemos⁴.

...

A sutil manifestação na linguagem registrada nos escritos americanos com o intuito de mostrar um pertencimento surge desde os séculos coloniais. Ao deter-se no significado com que foi empregado o termo *pátria* desde o século XVII, observamos que a palavra está impregnada de uma carga afetiva e de uma marca de identidade para as pessoas nascidas no continente americano. O emprego vai revelando diversos matizes: às vezes é restrito – refere-se apenas ao lugar de nascimento –, em outras ocasiões, indica uma maior abrangência, como no texto do Inca Garcilaso de la Vega, que afirma claramente que sua pátria é o império inca⁵, querendo destacar assim um sentimento de identidade com as terras que conformaram o vasto domínio incaico. Mentas mais lúcidas consideram como pátria o continente americano como um todo ou uma América setentrional versus uma meridional. Nas terras luso-americanas, também aparecem as primeiras diferenças entre “os que de lá vieram” e os “que cá nasceram” como manifesta o autor do *Diálogo das grandezas do Brasil* (1618)⁶.

A consciência de identidade literária de García Márquez está perpassada pela cultura caribenha com marcas e sinais na própria construção dos textos, aparecendo como o mais caribenho dos escritores latino-americanos⁷. Para assinalar como a geografia do Caribe se destaca nas suas obras, segue uma brevíssima introdução sobre essa região. Essa foi um ponto estratégico importantíssimo na história da colonização do continente americano e no surgimento de uma cultura própria. Foram as primeiras terras às quais chegou Colombo pensando que havia alcançado as Índias. É nas ilhas caribenhas que os europeus tentam aclimatar-se quando adentram a terra firme, e elas também foram seus portos que recebem

3 | Acompanhamento as ideias de Alberto Melucci, *A invenção do presente*.

4 | Humberto Maturana, *Amor y juego*, pp. 19-69. Também em *Emociones y lenguaje*, Santiago, LOM, 1990; *Sentido de lo humano*, Santiago, LOM, 1991.

5 | *Comentarios reales* (1609), caps. ix, xxiv. Ele era filho de um capitão espanhol e de uma inca.

6 | S. Almarza. “O legado do sistema colonial na América Latina”, pp. 121-140.

7 | Com essa afirmação me refiro somente à região caribenha hispana sabendo da existência das outras comunidades linguísticas, a francesa, a neerlandesa e as de fala inglesa.

os primeiros navios negreiros. Atualmente, as análises sociológicas e culturais consideram a região como um conjunto de países que margeia o mar do Caribe, isto é, as grandes e pequenas Antilhas; as terras continentais do norte da Venezuela e da Colômbia, e as nações que conformam a América Central; no México, a península de Yucatán e a região de Veracruz. Também fazem parte do Caribe o Suriname, a Guiana e a Guiana Francesa. Trata-se de um conglomerado de povos com um percurso histórico similar e uma rica e variada cultura.

No entanto, a configuração geográfica da Colômbia apresenta aspectos bastante diferenciados. A Cordilheira dos Andes desdobra-se em três redes montanhosas que percorrem de sul a norte todo o território. Uma dessas cadeias está aproximadamente a 42 quilômetros da costa do Caribe, a *Sierra Nevada*, perto de Aracataca (povoado onde nasce e cresce o autor). A personagem Fermina Daza teve que cruzá-la na viagem do “esquecimento” conduzida por uma “caravana de tropeiros andinos” (*O amor nos tempos do cólera*, p.108). Ao norte se localiza a Península de La Guajira com um clima ventoso e árido, espaço onde transcorre a vida de Erêndira, “perdida na solidão do deserto...” como lemos nas primeiras linhas d’*A incrível história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada* (p. 92). Na costa caribe encontram-se situadas as cidades de Barranquilla – onde passa o enredo de *Memórias de minbas putas tristes* e os momentos finais de *Cem anos de solidão* – e Cartagena de Índias, cenário d’*O amor nos tempos do cólera* e *Do amor e outros demônios*.

A diversidade do espaço está assinalada conscientemente nos textos do colombiano por meio da polarização entre personagens andinos e caribenhos. Em forma similar à geografia do continente e à da Colômbia, apreciamos um embate similar ao telúrico, pois os aspectos e o comportamento de suas criaturas ficcionais são igualmente contrapostos. Os escassos personagens de relevância perfilados como rígidos, formais, autoritários e introvertidos são todos originários da região andina. Recordemos à complicadíssima Fernanda del Carpio, memorável pela ladainha a Aureliano Segundo reclamando da falta de dinheiro na casa de Macondo. Ela vem do páramo – termo empregado repetidamente pelo escritor para distinguir alguém que não pertence ao Caribe. Foi lá “na cidade lúgubre” que Fernanda mandou por toda a vida a filha Meme depois que Mauricio Babilônia foi assassinado por ordem do prefeito que como ela “tinha descido do páramo” (*Cem anos de solidão*, p. 278). Outro personagem que não pertence ao Caribe e chega desde seu “páramo natal”, como marca o autor, é o ditador, anfitrião do bando de colegas que são acolhidos por ele, no romance *O outono do Patriarca*. Embora todo rastro de sua origem tenha desaparecido dos textos históricos, as numerosas vezes que povoam o espaço textual, uma ilha situada no Caribe, comentam que ele é nativo do páramo “pelo seu apetite desmesurado de poder” e, especialmente, “pela inconcebível maldade do coração com que vendeu o mar” a um poder estrangeiro e condenou-nos a viver frente a esta planície sem horizonte” (p. 50). Dos Andes também são originários Saturno Santos, o rebelde que intenta se levantar contra a ditadura

do Patriarca, e o jovem médico recém-chegado à cidade, que é reconhecido por Juvenal Urbino por “notar seu rubor fácil e seu sotaque andino” (*O amor nos tempos do cólera*, p. 12).

O contraste entre essas duas regiões está ilustrado nas obras por meio das diferenças das criaturas de ficção, mas também da atitude de García Márquez frente à vida. Recordemos o gesto de identidade ao se vestir com o branco *liquelique* caribenho na cerimônia da entrega do Nobel, na Academia sueca, eleição que para o mundo o diferenciou mais uma vez como um caribenho, manifestando uma consciência irrestrita da sua origem. As tramas literárias estão ancoradas nas vivências em diversas cidades caribenhas onde ele viveu, tais como Aracataca, Barranquilla e Cartagena, e também nas viagens de verão do escritor às margens do rio La Mojana, durante a adolescência, quando voltava do Liceu de Zipaquirá, cidade próxima à montanhosa, fria e fúnebre Bogotá.

O autor colombiano constrói esse contraponto entre duas idiosincrasias não como crítica, ao contrário, para destacar um espaço que não só corresponde a uma localização cartográfica, mas a um conceito de origem que conforma seu próprio ser e do qual tem plena consciência. Isso confirma-se nas entrevistas e no trabalho de recordação, semente da sua escrita, explicitado na epígrafe das *Memórias*: “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para conta-la”⁸. Sabido é que a memória trabalha em forma seletiva e a pessoa traz novamente ao coração – etimologia do termo recordar – as situações que a tem afetado.

A diversidade de sentir em relação às preferências do indivíduo não é uma simples questão de aparência, é reforçar a opinião de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão⁹. Para não me ater somente às diferenças construídas por García Márquez entre andinos e caribenhos, lembro também o contraponto que se manifesta na música em uma e noutra região. Os diversos estudiosos sobre a vida e a conduta do ser humano afirmam que o espaço propicia uma forma específica de se relacionar com a natureza. O aspecto mais relevante sobre a maneira de ser andino aponta para a introversão e para a melancolia. A altitude, o clima gélido e ventoso, a distância de um povoado a outro induzem o homem dessa região a se comportar em forma mais individualista. Esse vínculo com o lugar se manifesta também na música. Segundo os etnomusicólogos, não se tem notícia de uma só sociedade na humanidade que não possua alguma manifestação de sons. A música possibilita uma interação do homem com seu entorno e cumpre uma função decisiva na configuração simbólica do social¹⁰. No cenário andino, os sons nada mais são que a expressão dialética entre a sonoridade e o silêncio. Na reprodução há uma preponderância dos instrumentos de sopro sobre os de percussão e uma carência de voz, sendo a maior parte da música andina instrumental. A explicação para esse predomínio está vinculada às montanhas, com os precipícios que formam a cordilheira, e ao cruzamento dos ventos que ali se produzem.

No outro cenário, é impossível estudar o Caribe sem analisar a sua expressão musical. Afinal, antes do *verbum* era o tambor, como afirmam os pesquisadores do tema.

8 | *Viver para contar*, p. 5.

9 | Acompanho aqui as reflexões de Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, pp. 25-39.

10 | Cf. Rafael José Menezes Bastos, “Esboço de uma antropologia da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem”, pp. 9-73.

Num ambiente de migrações constantes, de encontros entre línguas e falas diversas, a música e a dança antecederam à palavra como ferramenta de comunicação. Os ritmos e, posteriormente, as letras acompanham a formação social desses povos e o acontecer histórico – a imigração escrava – passa a constituir um poderoso traço identitário, uma raiz de pertencimento. A grande quantidade de ritmos afro-americanos – *son, guaracha, rumba, bomba, plena, merengue, seis, aguinaldo, reggae, cumbia, vallenato, hip-hop, guajira, tamborito*, etc – combinam-se magistralmente para expressar a história e o cotidiano caribenho¹¹. As fortes pegadas da influência africana na criação musical não só enraizaram no Caribe, até hoje se fazem sentir também no sul do continente¹².

Voltando à narrativa de García Márquez, observamos que são muito escassas, no enredo, as figuras relevantes que sejam originárias das cidades andinas com a ressalva, como já falei, do Patriarca e de Fernanda del Carpio. No entanto, os personagens que exercem poder como os chefes militares, os soldados e os prefeitos são todos caracterizados como andinos. Nas *Memórias de minhas putas tristes*¹³ o velho nonagenário, antes de ser autorizado a transitar pelo parque San Nicolás, é instado a se identificar por uma patrulha militar, cujos soldados “eram homens do páramo, duros e calados com um odor de estábulo” e todos com as “faces tostadas dos andinos na praia” (p. 53). Durante a greve dos operários da companhia bananeira, em Macondo, os três regimentos que o governo central mandou para acabar com os distúrbios estavam compostos por soldados pequenos, maciços e brutos que “suavam com suor de cavalos e tinham um cheiro de carne viva macerada pelo sol e a impavidez taciturna e impenetrável dos homens do páramo” (*Cem anos de solidão* p. 288).

O casal formado por Fermina Daza e Juvenal Urbino tinha “aversão pelos ares andinos”, odiosidade disfarçada com presumíveis achaques: “perigos da altura para o coração, o risco de uma pneumonia” e inclusive o aborrecimento pelas “injustiças do centralismo” diz o autor n’*O amor nos tempos do cólera* (p. 378). Quando o perseverante e apaixonado Florentino Ariza poder relacionar-se finalmente com Fermina, já viúva, a convida para uma viagem fluvial pelo Magdalena e para entusiasma-la argumenta que poderia até visitar a capital, mas ela

[...] não queria conhecer uma cidade gelada e sombria onde as mulheres só saíam de casa para a missa das cinco e não podiam entrar nas sorveterias nem nas repartições públicas e onde havia a toda hora engarrafamentos de enterros nas ruas e uma garoa miúda desde os tempos do descobrimento (p.400).

Esse cenário minucioso, recriado na ficção, o escritor o absorveu quando era estudante em Zipaquerá, época de grande solidão e de se sentir como um forasteiro dentro de seu país como lembra nas suas memórias. Os perfis andinos diferenciados dos personagens, dos costumes e até das cidades – como a capital Bogotá – mostram uma arquitetura textual, alicerçada no Caribe, que possui uma tremenda carga significativa ao assinalar mentalidades opostas.

11 | Ángel G. Quintero Rivera, *Salsa, sabor y control. Sociología de la música tropical*, pp. 88-89 e o cap. VI.

12 | Cf. Luis Ferreira, *Los tambores del candombe*, passim.

13 | Emprego a edição em espanhol de 2004, p. 53; tradução minha porque o termo páramo, que na língua portuguesa existe, não está conservado na edição em português; trad. Eric Nepomuceno, Rio de Janeiro, Record, 2008, p.59.

A preponderância do calor, a umidade, a chuva e a presença do mar são evidentes nas tramas de todos os textos do escritor. As surpreendentes variações climáticas próprias da região caribenha regem não somente o comportamento dos personagens, mas também seus organismos. O mês de outubro era funesto e de presságios tristes para o tesoureiro da revolução em Macondo, figura central em *Ninguém escreve ao coronel* e com uma presença mais nebulosa em outros espaços narrativos como em *Cem anos de solidão*. Quando começavam as chuvas até os ossos e os intestinos ficavam-lhe úmidos anelando a chegada de dezembro. Do mesmo modo que o coronel, vários personagens conduzem sua rotina acompanhando as repentinas e bruscas mudanças do clima. O senhor Carmichael, administrador das riquezas da viúva após a morte de José Montiel, sabe que as chuvas não acabarão tão cedo, porque os calos não lhe permitem dormir¹⁴.

14 | “A viúva de Montiel”, *Os funerais da Mama Grande*.

O deslocamento das vivências do autor a suas obras é de tal magnitude que alguns refrães, canções e frases do romance *O outono do Patriarca* só podem ser entendidos pelos motoristas de Barranquilla, diz o autor; o mesmo ocorre no fim de *Cem anos de solidão*. Quando Macondo e a família Buendía davam seus últimos sinais de vitalidade, os clientes-leitores da livraria recebem o nome dos amigos de juventude do escritor: Álvaro, Alfonso, Germán e Gabriel. Os quatro que formaram em 1949 o “Grupo de Barranquilla”¹⁵, confraria de jornalistas e escritores que tiveram uma importância fundamental na iniciação leitora do escritor. Também nos encontramos com ele mesmo, Gabriel, como personagem de ficção. Perambulam ainda pelos espaços narrativos não somente o escritor e seus amigos, também sua esposa; com nome e sobrenome está presente no coro de vozes que dão testemunho sobre a morte de Santiago Nasar¹⁶; igualmente os nomes de seus filhos, Rodrigo e Gonzalo, são os que Amaranta Úrsula queria colocar aos dela “na aldeia mais luminosa e plácida do mundo” (*Cem anos de solidão*, p. 360).

15 | *Cem anos de solidão*, p. 367. São seus amigos de juventude em Barranquilla, Alvaro Cepeda Zamudio, Germán Vargas e Alfonso Fuenmayor e Gabriel García Márquez. *Vivir para contarla*, pp. 128-143.

16 | “Muitos sabiam que na inconsciência da farra propus a Mercedes Barcha que se cassasse comigo, quando mal havia terminado a escola primária...” *Crônica de uma morte anunciada*, p. 66.

Esse percurso pela imagética caribenha de García Márquez, a explico como uma “geografia humana” na qual o meio, o modo de vida e a cotidianidade mostram a interação entre o homem e o espaço geográfico. Continuando com a caminhada pelo Caribe, é imprescindível não nos determos sobre o rio Magdalena que cruza de sul a norte uma grande porção do território colombiano. Através dos navios de três andares e uma roda propulsora na popa, o Magdalena viveu uma época de glória nas décadas de trinta e quarenta do século passado, porquanto comunicava a capital com o interior do país até desaguar no Caribe. Na literatura, o rio tem sido cantado desde os tempos coloniais.

O poeta neogranadino Domínguez Camargo no século XVII o chamava a “pupila de América”; segundo Pablo Neruda “o rio Magdalena anda lento como a lua”. Para García Márquez é “o rio da vida”, já que o conheceu desde a adolescência viajando desde a costa até a capital. O romance *O general em seu labirinto*, por exemplo, não tem como foco as proezas de Simón Bolívar pela independência das colônias, mas apenas os últimos dias do prócer, moribundo e sem glória, navegando pelo Magdalena à sua terra natal, San Pedro Alejandrino,

no norte caribenho. Também o rio e os pormenores da Companhia Fluvial do Caribe é o ambiente da apologia sobre o amor nas diversas facetas da vida, na obra *O amor nos tempos do cólera*. Fermina e Florentino, o casal septuagenário, deparam-se, na viagem interminável, que “o vento do Caribe se meteu pelas janelas com o alarido dos pássaros”, e descobrem que “é a vida, mais que a morte, a que não tem limites” (428-429). Esse texto tem como abertura a experiência de vida de um antilhano, Jeremiah de Saint Amour, que orienta o leitor no espaço dos “amores contrariados”. O relato de sua história, o significado de seu sobrenome francês e a insólita história de amor parecem ser o umbral necessário para acompanhar a complicada e longa espera de Florentino. Jeremiah é inválido, prófugo de Caiena, fotógrafo de crianças e um exímio jogador de xadrez. Numa praia de Haiti, junto a sua amada, decide que nunca será velho e assume a determinação irrevogável de tirar sua vida aos sessenta anos, decisão inexorável que ela acompanha. Após a morte, o amigo e companheiro no xadrez, o médico Juvenal Urbino, encontra-se com a mulher e se estabelece um diálogo simples e belo, breve e grandioso,

– mas então você sabia! [o suicídio de Jeremiah] – exclama.

Não só sabia, confirmou ela, como o havia ajudado a carregar o fardo da agonia com o mesmo amor com que o havia ajudado a descobrir a ventura [...].

– Seu dever era revelá-lo – disse o médico.

– Eu não podia fazer-lhe essa desfeita – disse ela escandalizada: – eu o queria com todas as forças (p. 24).

Os dois assuntos expostos no romance, a velhice e o amor – aliás, os grandes temas, junto à solidão, na obra do colombiano –, estão introduzidos a partir da situação vivida por Jeremiah e sua mulher.

Os espaços narrativos criados por García Márquez tem a singularidade de “gerar” um personagem em um ambiente para completá-lo em outro, prazer imenso para os leitores que *habitam* os textos. O embrião da figura de Jeremiah vai surgindo aos poucos, em forma bastante nebulosa. Pode parecer um habitante a mais dos tantos que circularam por Macondo, pois seu passo pela narrativa é fugaz. Não tem nome, simplesmente forma parte dos “pacíficos negros antilhanos” que, com a chegada da companhia bananeira e os distúrbios acontecidos em Macondo, a rua deles era o “único reduto de serenidade”, pois o grupo se “sentava ao entardecer cantando hinos melancólicos” (pp. 221 e 293). Porém, nos derradeiros anos de Macondo e da história dos Buendía, Jeremiah cumpre uma função primordial, pois ninguém lembrava nem da existência da família nem do Coronel Aureliano Buendía “salvo o mais antigo dos negros antilhanos, um ancião de cabeça algodoada” com aspeto de “um negativo de fotografia” (p. 364). Pulcro trabalho gradativo do autor na consolidação textual de um personagem que recebe relevância por ser é o único que recorda, guarda e transmite

detalhes dos Buendía. Poderia ser considerado, então, como o guardião da memória coletiva de Macondo. Escolhi essa figura, presente em diversos espaços textuais e atuando em momentos de grande relevo dramático, para destacar o trabalho de arquiteto do escritor, em relação a potencializar situações ou personagens fugazes, mas com poderosa força significativa.

A consciência de García Márquez em relação a seu entorno não se esgota no Caribe colombiano. Nas *paisagens* dos textos há uma profusa presença de objetos e personagens que provém das outras partes da região. Por exemplo, o louro causante da morte de Juvenal tinha vindo de Paramaribo; as gaiolas na casa do casal foram vendidas pelos traficantes de Curaçao; a boneca com malefícios recebida por Fermina adolescente tinha sido comprada na Martinica; a avó de Erêndira foi resgatada de um prostíbulo das Antilhas e queria levar a neta para Aruba; quando se inaugura a casa do Patriarca, o ditador vê desde o terraço o rastro das ilhas alucinadas das Antilhas, o mercado infernal de Paramaribo, o cego da Guayra¹⁷, o agosto abrasante de Trindade e com a luz de dezembro chegava a contemplar desde Barbados até Veracruz¹⁸.

Então, o que significa o Caribe para o escritor? Ele conta que quando visitou Angola em 1978 teve uma das “experiências mais fascinantes” de sua vida. Nessa viagem, ao colocar os pés na terra e respirar o ar africano se encontrou, disse, “com toda minha infância” e com formas culturais, costumes e imaginários muito diferentes aos do “altiplano” andino onde se manifestam as culturas indígenas¹⁹. Explica que no *seu Caribe* literário se embaralhou a imaginação desbordante dos escravos africanos com a imaginação dos nativos pré-colombianos para logo se misturar com os andaluzes e o sobrenatural dos galegos – seus avós maternos eram de origem galega²⁰. Sem esquecer, explica, que toda essa região foi o encontro por vários séculos dos piratas ingleses e franceses que alimentaram as lendas e ditos populares²¹. Um exemplo da presença dos corsários no imaginário do autor o disfrutamos quando Úrsula Iguarán ficava revoltada com os desvarios do marido e “pulava por cima de trezentos anos e maldizia a hora em que Francis Drake assaltou Rioacha”, porque possibilitou que seus antepassados pudessem conhecer-se, e ela casar-se com José Arcadio (*Cem anos de solidão*, p. 25).

O Caribe é tudo para o escritor. Não é somente a terra onde teve a “sorte de nascer” nem o mundo que lhe ensinou a escrever, é o único lugar em que não se sente estrangeiro, confessa²²; é o lugar onde está seu corpo e onde ele descobre a alteridade. Em outros termos é sua *pátria*. Emprego o termo tradicional, mas alargando o conceito podemos entendê-lo como uma forma de ser e de atuar que não se restringe a uma divisão físico-política, pois Gabriel García Márquez o ressignifica acrescentando uma necessidade de pertencimento e de identidade, esta entendida como uma insistente busca pela origem, a viagem lenta e dolorosa tentando encontrar a semente.

17 | La Guaira é a capital do Estado de Vargas no Caribe venezuelano.

18 | *O outono do Patriarca*, trad. Remy Gorga Filho, Rio de Janeiro, Record, pp. 43-44.

19 | Acredita-se que cerca de 20 milhões de africanos tenham chegado ao continente entre os séculos XVI e XIX para o trabalho escravo na agricultura e nas minas. Cf. Luz María Martínez, *Negros en América*, Madrid, MAPFRE, 1992.

20 | *El olor de la guayaba*, pp. 54-55.

21 | Famosos foram os corsários britânicos Henry Morgan, Francis Drake e William Dampier e o francês Jacques de Sores.

22 | *El olor de la guayaba*, pp. 55.

Referências Bibliográficas

ALMARZA, Sara. O legado do sistema colonial na América Latina. *Caravelle. Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien*, 94, Toulouse, juin 2010.

BASTOS MENEZES, Rafael José. Esboço de uma antropologia da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. *Anuário Antropológico*, 93, Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, Luis. *Los tambores del candombe*. Montevideo: Colihue-Sepé Ediciones, 1997.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Os funerais da Mamãe Grande (1962)*. Trad. Édson Braga. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____ *Cem anos de solidão (1967)*. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, ilustrações Carybé, /d.

_____ *O outono do Patriarca (1975)*. Trad. Remy Gorga, Filho, Rio de Janeiro: Record, s/d.

_____ *El olor de la guayaba. Conversaciones con Plinio Apuleyo Mendoza*. Bogotá: La Oveja Negra, 1982.

_____ *O amor nos tempos do cólera* (1985). Trad. Antônio Callado. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____ *Viver para contar* (2002). Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____ *Memórias de minbas putas tristes*. Santiago, Chile: Sudamericana, 2004.

GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas* (1973). Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARTÍNEZ, Luz María. *Negros en América*. Madrid: MAPFRE, 1992.

MATURANA, Humberto. *Amor y juego*. Santiago: Instituto de Terapia Cognitiva, 1993.

MELLUCCI, Alberto. *A invenção do presente*. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUINTERO RIVERA, Ángel G. *Salsa, sabor y control. Sociología de la música tropical*. México: Siglo XXI, 1998.